

Mediadores e formas de ler literatura digital e digitalizada por leitores jovens

Mediators and ways of reading digital and digitized literature by young readers

Mediadores y formas de leer la literatura digital y digitalizada por lectores jóvenes

Mônica Daisy Vieira Araújo
Universidade Federal de Minas Gerais
mdaisy@fae.ufmg.br
<https://orcid.org/0000-0003-1915-378X>

RESUMO

A leitura literária digital é compreendida como a leitura de literatura digital e de literatura digitalizada. Apresentamos os modos de ler literatura digital e digitalizada e o papel dos mediadores e instâncias de leitores jovens. A investigação adotou uma perspectiva quantitativa e qualitativa com aplicação de questionário a 342 jovens de estratos socioeconômicos diferenciados e acompanhamos as práticas de leitura de 6 leitores jovens. O aporte teórico baseia-se nos estudos sobre a história do livro e da leitura, da leitura literária digital e da sociologia. Verificamos que os modos de realizar as leituras literárias digitais variam segundo o tipo de obra, o tempo disponível para a leitura, o dispositivo digital utilizado, entre outros elementos que irão imprimir comportamentos e gestos diferenciados no ato da leitura. Destaca-se a importância dos colegas, da sociabilidade literária na Internet e da indústria cultural que se configuram como mediadores na formação dos leitores jovens.

Palavras-chave: Literatura digital. Leitura literária digital. Leitores Jovens. Mediadores.

ABSTRACT

Digital literary reading is understood as reading digital literature and digitized literature. We present the ways of reading digital and digitized literature and the role of mediators and instances in the construction of practices of reading digital literature of young readers. The investigation adopted a quantitative and qualitative perspective with application of questionnaire to 342 youngsters of differentiated socioeconomic strata. Then we selected 6 young readers and followed their practices of digital literary reading for seven months. Theoretical contribution is based on studies on the history of books and reading, digital literary reading, as well as sociology. We found that the ways in which digital literary reading is carried out by young readers varies according to the type of work, whether digital or digitized literature, the time available for the young reader to read, the digital device used, among other elements that will produce differentiated behaviors and gestures in the act of reading. The importance of colleagues, of the literary sociability on the Internet and of the cultural industry, which are set up as mediators in the training of young readers, stand out.

Keywords: Digital literary reading. Young readers. Mediators. Digital Literature.

RESUMEN

Se entiende por lectura literaria digital la lectura de literatura digital y literatura digitalizada. Presentamos las formas de leer la literatura digital y digitalizada y el papel de los mediadores e instancias de los lectores jóvenes. La investigación adoptó una perspectiva cuantitativa y cualitativa con la aplicación de un cuestionario a 342 jóvenes de diferentes estratos socioeconómicos y seguimos las prácticas lectoras de 6 jóvenes lectores. La aportación teórica se basa en estudios sobre historia del libro y la lectura, lectura literaria digital y sociología. Los datos apuntan que las formas de realizar lecturas literarias digitales varían según el tipo de trabajo, el tiempo disponible para la lectura, el dispositivo digital utilizado, entre otros elementos que imprimirán diferentes comportamientos y gestos en el acto de leer. Se destaca la importancia de los colegas, la sociabilidad literaria en la Internet y la industria cultural como mediadores en la formación de lectores jóvenes.

Palabras-clave: *Lectura literaria digital. Jóvenes lectores, mediadores. Literatura digital.*

Introdução

Com a ampliação do acesso à Internet e, concomitantemente, da literatura, algumas relações entre textos e leitores são modificadas, ampliadas e ressignificadas. Inicialmente, destaca-se uma mudança referente à experiência sensorial, na qual o leitor não toca no objeto lido, folheando as páginas com a mão, sentindo o cheiro e visualizando o suporte por completo, mas necessita ligar o dispositivo digital e, com um toque na tela, passa as páginas do texto, não permitindo visualizar toda a dimensão da obra, o que demanda novos gestos e comportamentos do leitor. Isso não ocorre apenas nos suportes digitais, conforme os diferentes estudos da história do livro e da leitura divulgados por Roger Chartier (1997, 1998, 2002, 2011), mas o fenômeno da materialidade digital traz novos elementos para pensarmos sobre seus gestos e comportamentos.

Nos textos literários impressos, embora o leitor possa fazer a leitura de forma não linear, geralmente não está na intenção do escritor, em alguns gêneros, a iniciativa de mobilizar o leitor na escolha de vários caminhos. No entanto, mais recentemente, há iniciativas de produção de obras para uma leitura “interativa” no impresso, cujos caminhos podem ser escolhidos pelo leitor. Na cultura digital ampliam-se as possibilidades dos autores de criar obras literárias com a intenção de estabelecer uma interação com o leitor. Em tese, potencializado pela hipertextualidade, o leitor pode reescrever a obra a partir desse recurso que o leva para narrativas com início, meio e fim diversos, algo diferente das culturas manuscrita e impressa, nas quais os escritores tradicionalmente não têm essa intencionalidade. Nas obras digitais, em geral, a interação

do leitor por meio de acionamento de links, captura de movimentos, movimento do dispositivo de leitura, entre outros recursos, é importante para que a leitura se realize.

Outra faceta inaugurada pela Internet é a ampliação do compartilhamento das produções e das leituras de obras, literárias ou não, ou seja, uma alteração da sociabilidade do mundo do livro e dos leitores, tornando os sujeitos, simultaneamente, escritores e leitores dos *blogs*, dos *vlogs*, do *Twitter*, dos dicionários construídos coletivamente, como a Wikipédia, das comunidades variadas que se organizam em torno de diversas temáticas. Por fim, amplia-se também o acesso a uma variedade de gêneros textuais, literários ou não, alguns já velhos conhecidos dos leitores, uns inéditos e outros com uma “roupa” nova, mas com características muito semelhantes aos velhos. Conforme Bakhtin (2003, p. 262), “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados [...]” (grifos do autor). Como exemplo, a carta e o diário, na cultura escrita manuscrita, têm, respectivamente, o *e-mail* e o *blog* como análogos na cultura digital. Para Marcuschi e Xavier (2010, p. 15), “os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas muitos deles têm similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita” Todos eles emergem nessa nova cultura, ampliando e instigando o leitor a se mobilizar em torno da leitura.

Essas modificações nas práticas de leitura vem sendo objeto de estudos da história da leitura e do livro que têm se pautado, na contemporaneidade, em diversas áreas de conhecimento que agregaram a leitura como objeto de investigação. Os temas de interesse, sobretudo a partir dos estudos de Chartier (1997, 1998, 2002, 2011), Darnton (2010), Gomèz (2003), elegem a forma de produção, a materialidade desses objetos culturais, sua forma de circulação e de leitura em determinados períodos históricos. Esses estudos também têm incorporado as tecnologias digitais, tendo em vista as mutações que essas novas formas promovem na ordem do livro.

Outras abordagens, Hayles (2002, 2009), Gainza (2018), Colomer (2003, 2007), Coscarelli (2002, 2005, 2012), Lajolo e Zilberman (2009), Rojo e Moura (2012) e Marcuschi e Xavier (2010) apresentam uma vertente mais pedagógica e literária: os gêneros textuais lidos, as práticas de leitura, os mediadores e as formas de ler. As práticas de leitura também são objeto da sociologia da leitura que investiga, entre outros aspectos, os hábitos de leitura, a distribuição de materiais de leitura em uma perspectiva geográfica, socioeconômica, as disposições criadas em torno do ato de ler, os modos de utilização dos materiais de leitura, como o que foi realizado, entre outros, por Lahire (2006), Leveratto e

Leontsini (2008), Diaz-Plaja (2008), Dessa forma, há diferentes abordagens que buscam compreender a leitura nos seus mais diversos prismas.

Buscamos dialogar com várias dessas tendências neste artigo, nos fundamentando nos estudos históricos, sociológicos e sobre a leitura literária. Nossa reflexão se insere em um dos diversos objetos nos quais o campo da história da leitura e do livro se ocupa investigar, nos estudos sobre as práticas de leitura, focalizando um tipo específico, a leitura literária digital. Segundo Chartier (2011, p. 78), para conhecermos as práticas de leitura, é necessária a compreensão e a análise “dos usos, dos manuseios, das formas de apropriação dos materiais impressos” pelos leitores em determinados períodos, em grupos ou em populações específicas. Para Batista e Galvão (2011, p.13), as práticas de leitura assinalam os estudos em torno da “leitura em seu acontecimento concreto, tal como desenvolvida por leitores reais, e situada no interior dos processos responsáveis por sua diversidade e variação”.

Baseados nessas acepções, consideramos como práticas de leitura todos os atos envolvidos no momento da leitura literária, entre eles, os gestos, os comportamentos, as experiências e as preferências de suporte. Na concepção de práticas de leitura também estão incluídas as ações do leitor jovem anteriores ou posteriores ao ato de ler, que criam determinadas formas de apropriação dos materiais literários, modos de compartilhamento de informação sobre as obras lidas, buscas de obras semelhantes ou de autores conhecidos, entre outras ações que criam as condições para o ato de ler a leitura literária digital. A leitura literária digital compreende a leitura de literatura digital e digitalizada. A primeira é definida por Torres (2004), Hayles (2009) e Gainza (2018) como diferente da literatura impressa que, por vezes, é transposta para o computador. Para Hayles (2009), a literatura digital

[...] geralmente considerada excludente da literatura impressa que tenha sido digitalizada, é, por contraste, “nascida no meio digital”, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente lido em uma tela de computador).” (Hayles, 2009, p.20).

Existe uma diversidade de tipos de obras consideradas como literatura digital: algumas compreendem gêneros integrados às obras literárias do suporte impresso, mas com uso de redes de construção coletiva *on-line* ou *off-line*. Outras inauguram gêneros literários novos, com características diferentes dos encontrados na cultura impressa,

elaborados por meio de hipertextualidade, interatividade, uso de recursos multimodais (Kress, Bezemer, 2009) e de programas de computador. A literatura digitalizada, por sua vez, é a remediação (Bolter, Grussin, 2000) da obra oriunda do meio impresso para o digital, preservando, em geral, as mesmas características e pode ser acessada, livremente na Internet ou baixada em qualquer dispositivo digital por meio de sites, blogs, redes sociais, bibliotecas digitais ou adquirida em sites de loja de comércio eletrônico ou em aplicativos de *smartphones*. Ressalta-se que tanto as obras de literatura digital quanto as de literatura digitalizada possuem nível diferentes de multimodalidade, hipertextualidade, interatividade e participação do leitor.

Neste artigo buscamos conhecer os modos de ler literatura digital e digitalizada por leitores jovens e o papel dos mediadores de leitura na construção de suas práticas de leitura literária digital. Quais são as mudanças e permanências nas práticas de leitura de literatura com o suporte digital? Quem são os mediadores de leitura de literatura digital e digitalizada que influenciam os leitores jovens a ler? As reflexões partem dos resultados de uma pesquisa de 2016, com jovens de, 15 a 18 anos, pertencentes a estratos socioeconômicos diferenciados. Na seleção dos sujeitos e em todas as etapas da pesquisa, a variável estrato socioeconômico foi um elemento importante, sobretudo para compreendermos a relação entre condições econômicas, o acesso a dispositivos digitais/internet e a obras impressas e/ou digitais. Buscamos neste artigo lançar luzes sobre os estudos em torno das práticas de leitura e da formação de leitores literários com o advento da cultura digital entre leitores jovens.

A pesquisa

A investigação adotou duas perspectivas, a primeira quantitativa com aplicação de questionário fechado que possuía três módulos de questões: perfil socioeconômico¹, perfil de usuário de tecnologias digitais e perfil de leitor de literatura digital, apresentados no instrumento nessa sequência e perfazendo um total de 35 questões fechadas. Foi aplicado em duas escolas, uma pública e outra privada para a 342 jovens (*corpus* geral). Selecionamos 68 leitores jovens (*corpus* filtrado) pelas categorias: gosto pela literatura, frequência de leitura literária, conhecimento sobre literatura digital e autodeclaração

¹ Foi utilizado o Critério de Classificação Econômica Brasil, elaborado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP que possui uma classificação de estratos socioeconômicos de “A”, melhores condições socioeconômicas, a “E”, piores condições socioeconômicas, gerados a partir de uma pontuação das questões respondidas pelos jovens.

como leitores, e aplicamos a esses jovens o segundo questionário com questões fechadas e abertas com intuito coletar mais dados sobre suas práticas de leitura literária. Essa etapa teve o objetivo de fornecer um quadro mais geral do perfil leitor dos jovens, contribuindo para verificar seus interesses e motivações pela leitura de literatura digital e digitalizada e evidenciar como são suas práticas de leitura literária digital.

Na segunda etapa qualitativa, selecionamos 6 leitores jovens dos 68 do *corpus filtrado* a partir de critérios como idade, estrato socioeconômico diversos e práticas de leitura de literatura digital e digitalizada. Acompanhamos por sete meses suas práticas de leitura literária digital por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas em suas casas, com o intuito de conhecer os usos, as formas de ler, as relações que estabeleciam com as leituras literárias impressas e as obras literárias digitais lidas e entre essas modalidades. Nestas entrevistas, eles lembravam leituras feitas e descreviam em detalhes as práticas desenvolvidas. Realizamos, também, entrevistas semiestruturadas com os pais e colegas dos seis leitores jovens mencionados durante as sessões de entrevistas. Utilizamos a análise de conteúdo (Bardin, 2011) dos dados tanto quantitativamente, pela frequência, quanto qualitativamente, pela ausência ou presença, de incidência de elementos relevantes acerca das práticas de leitura literária dos jovens. Nas citações dos excertos das entrevistas, ao longo do artigo, foi utilizado nomes fictícios para manter o sigilo da identificação dos sujeitos. Primeiro o nome, seguido da idade e, por último o estrato socioeconômico.

Modos dos leitores jovens realizarem leituras literárias digitais

As práticas de leitura literária digital demandam dos leitores as habilidades, os gestos e os comportamentos necessários a uma literatura, em geral, mais multimodal (Kress, Bezemer, 2009), interativa (Costa, 2003), que possibilita a participação dos leitores na construção do texto e, em alguns casos, construindo o texto literário, colaborativamente, no momento da leitura. A obra e a relação que o leitor estabelece com ela definirá o tipo de comportamento e os modos de leitura do leitor. Os elementos constitutivos da cultura digital, como multimodalidade (Kress, Bezemer, 2009), interatividade (Costa, 2003), convergência e comunidade de conhecimento (Jenkins, 2009) estão presentes nas práticas de leitura literária digital, ou seja, os usos, os manuseios e as formas de apropriação da literatura lida em meio digital possuem essas características.

As obras de literatura disponíveis em meio digital possuem diversos níveis de interatividade, ou seja, demandas de ações necessárias para que o leitor participe da obra. Algumas são construídas para que o leitor jovem apenas clique em um *link* e a página passe adiante, como as obras de literatura digitalizada. Outras, como as obras de literatura digital, demandam ações mais elaboradas, algumas com a possibilidade de o leitor definir, a partir das opções disponíveis, o começo, o meio e o fim do texto e outras possuindo apenas recursos visuais e de som no qual o leitor participa da construção da história clicando nos elementos para que a história se desenvolva. Segundo Gainza (2018, p.28) ao relacionar participação e interatividade como elementos importantes para caracterizar a literatura digital ela afirma que “[...] Uma obra pode ser muito inovadora em termos de tecnologia incorporada, mas a participação dos leitores pode se limitar a seguir alguns links. Dessa forma, a obra é interativa, mas não participativa”. (Tradução nossa)². Para a autora não apenas a tecnologia utilizada na obra promoverá a participação do leitor, mas o efeito que outros elementos incorporados à obra e que compõem a ação receptiva causam no leitor determinarão o interesse do leitor em interagir com a obra.

O atributo convergência (Jenkins, 2009) da cultura digital se faz presente nas práticas de leitura literária digital por meio da busca dos leitores jovens por filmes, obras, jogos e outros materiais disponíveis em outros meios sobre as obras literárias que os interessam. Esse movimento em torno de vários meios com o intuito de ter experiências literárias diversificadas e que possam abarcar todas as formas de apresentação da obra literária é uma prática recorrente entre os leitores jovens na cultura digital. As sagas, como *Harry Potter*, *Crepúsculo*, *Percy Jackson*, são exemplos de obras que são disponibilizadas em vários formatos. O filme pode levar o leitor jovem à leitura da obra ou o contrário, a obra pode levá-lo a consumir filmes, jogos e outros materiais literários sobre o mesmo conteúdo. Os dados da pesquisa apontam que os seis leitores jovens, quando se interessam por uma obra literária, em geral, cogita as outras possibilidades de oferta do mesmo conteúdo em formatos diferentes. Marcela_17_B2 relata a busca de livros das suas séries favoritas “[...] vamos supor... igual das séries que eu gosto, eu procuro saber se tem o livro. Isso implica uma busca frenética de outras obras, jogos, filmes, comunidades de

² [...]una obra puede ser muy innovadora en cuanto a la tecnología incorporada, pero la participación de los lectores puede estar limitada a seguir algunos enlaces. De esta forma, la obra es interactiva, pero no participativa. (Gainza, 2018, p.28)

discussão em redes sociais e todo o conteúdo possível que ele ainda não conhece e que porventura esteja disponível para leitura no âmbito na indústria cultural.

Essas características da cultura digital marcam as experiências dos leitores jovens em torno de suas práticas de leitura literária digital. Verificamos uma relação entre as obras que possuem mais ou menos interatividade e o tipo de leitura que os leitores jovens realizam, se intensiva ou extensiva. As transformações nos modos de ler, intensivo ou extensivo (CHARTIER, 1998; FRAGO, 2002; DARNTON, 2010) configuram um dos elementos da história das práticas de leitura. A leitura da mesma obra várias vezes também é um fator, mas, assim como nos dados quantitativos, a leitura intensiva é pouco recorrente entre os leitores jovens pesquisados. As obras digitalizadas são menos lidas várias vezes, exceto determinados tipos de obras que mobilizam o leitor a este comportamento, como a Bíblia, mas alguns tipos de obras digitais são criadas para que o leitor retorne à leitura mais vezes.

MARCELA_17_B2:[...] eu tentei o do gato mil vezes, eu não consegui [...] [se referindo à leitura da obra "*O Jogo do gato poeta*", de Ana Mello]

RONALDO_15_C1: Tem umas vezes que eu leio mais de uma vez...

E: É?

RONALDO_15_C1: É que às vezes eu gosto tanto da obra que eu decido reler...

E: E que tipo de obras que você geralmente lê várias vezes?

RONALDO_15_C1: Impresso ou digital?

E: As duas...

RONALDO_15_C1: Impresso eu leio *Percy Jackson*... mas o tipo... eu não leio o livro todo... eu leio só algumas partes assim... mas eu começo de uma parte... mas às vezes eu acabo o livro... digitalizado eu leio de novo... a partir de um capítulo que eu gosto... ou às vezes eu estou consultando uma palavra em inglês... eu acabo lendo o capítulo todo...

Mas a leitura extensiva também é uma pratica recorrente dos leitores jovens que relataram ler várias obras ao mesmo tempo, mas, também a de lerem uma obra de cada vez, o que nos suscita que, dependendo da obra, do interesse de leitura e do tempo, esse modo de ler se altera. Nos dados quantitativos do questionário 1, tanto no *corpus* geral quanto no *corpus* filtrado, o índice de ler a obra inteira (27,45% e 38,96%, respectivamente) se sobrepõe ao de ler várias obras ao mesmo tempo (4,20% e 11,69%, respectivamente), corroborando com a maioria das práticas de leitura literária digital dos

seis leitores jovens. Chama atenção a leitura da *Bíblia* realizada pela Gisele_17_B1, por ser um livro de leitura intensiva, mas que geralmente é lido por partes, junto à leitura de literatura.

O tamanho da obra também é um fator que define os modos de leitura, os seis leitores jovens apontam que se a obra for pequena, realizam a leitura até o final, mas, se for grande, leem em partes e por capítulos, para não perderem a compreensão da história, mas a ação de ler é realizada sempre sozinha. Esse modo de ler também se sobressaiu nos dados quantitativos do questionário 1, tanto no *corpus* geral (47,85% leem sozinhos) quanto no *corpus* filtrado (62,63% leem sozinhos). Segundo Colomer (2007, p.125) essa versatilidade de comportamentos dos leitores jovens promove o “desenvolvimento para a competência leitora”, ela destaca atitudes como “a leitura autônoma, continuada, silenciosa, de gratificação imediata e livre escolha”.

Já o elemento materialidade traz, também, repercussões no comportamento do leitor, pois os leitores jovens relatam que precisam de categorias do impresso para localizar, na obra lida em suporte digital, onde pararam para dar continuidade à leitura. Segundo Chartier (1998) mesmo com as mudanças de materialidade, entre o manuscrito, o impresso e o digital, algumas referências continuam iguais, a paginação, o índice, o recorte do texto, bem como o texto continua a surgir diante de seus olhos. Os leitores jovens utilizam dessas categorias para realizar e relacionar suas práticas de leitura literária digital e de leitura em outros suportes.

As obras lidas pelos leitores jovens são geralmente sagas que possuem uma grande quantidade de páginas e, por esse motivo, são grossas e pesadas, dificultando alguns gestos no ato da leitura. Mas, para eles se o mesmo livro for digitalizado, esses incômodos deixam de existir e, ainda, o leitor jovem se sente mais autorizado a fazer anotações sobre a leitura do que nos livros impressos, pois gostam de deixá-los intactos, indicando uma relação de reverência ao livro impresso e, de certo modo, uma falta de zelo pelas obras digitais. A possibilidade de ter acesso à obra digitalizada permite uma maior preservação da obra impressa, no suporte livro, e as marcas que por ventura o leitor queira fazer na obra, durante a leitura, fica reservada para a versão digital. Isso ocorre devido a “

linguagem digital e seus usos não apenas modificam as formas de produção literária, mas também suas formas de circulação e recepção”. (Gainza,2018, p.35, tradução nossa)³.

O tempo de leitura também se difere em relação ao impresso, reforçando o mesmo dado de certo desconforto de ler na tela. Os leitores jovens possuem estratégias, ler a obra com pausas cronometradas ou a partir da definição de quantidade de páginas lidas, para driblar os incômodos físicos do ato de ler em dispositivos digitais, como dor de cabeça, dor na vista e nas costas, caso seja um dispositivo que demande dele ficar sentado na mesma posição. A comparação da leitura literária realizada no suporte digital e no impresso é constante, não somente pelo tempo que dedicam à leitura e pelo desconforto, mas também pela relação entre o tempo dedicado à leitura e o número de páginas lidas.

Paulo _17_C1 relata comparar o número de páginas lidas da obra no *tablet* com a versão impressa. Assim como relatado por Chartier (1998, p. 9), sobre a existência de “uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso”, verificamos também uma continuidade muito forte entre essa última e a cultura digital, contrariando a crença na ruptura. Esse comportamento tem relação com a impossibilidade de visualizar a obra por completo e dimensioná-la, pois em cada dispositivo digital - computador, notebook, *tablet*, celular - em que o leitor jovem realiza a leitura - as dimensões do texto irão sofrer alteração.

A leitura também é realizada a partir do tipo de obra: se for literatura digital, o leitor jovem provavelmente realizará uma leitura fragmentada e lê várias obras ao mesmo tempo; se for um livro literário digitalizado, finaliza o livro para escolher outro. Além disso, o modo como a obra é produzida, também, faz com que o leitor possa ler de forma mais fragmentada e menos atenta, como no caso das *fanfics*, obras criadas por fãs de forma colaborativa (Neves, 2014), ou, aquelas menos fragmentada e com mais atenção, como na leitura de obras literárias digitalizadas, como as sagas. Mas é a posse de um dispositivo digital móvel que permite uma nova reorganização dos modos de leitura que são novos e demandam o aprendizado das várias possibilidades de práticas de leitura literária. Levar a obra literária digitalizada para qualquer lugar, sem carregar um peso extra, possibilita ao leitor jovem ter uma biblioteca móvel que pode acessar onde e quando quiser. A leitura também é condicionada pelo local onde ela se realiza. Comportamentos diferentes são observados ao longo da história das práticas de leitura, conforme aponta Chartier

³ [...] lenguaje digital y sus usos no solo modifican las formas de producción literaria, sino que también sus formas de circulación e recepción. (Gainza,2018, p.35)

(1997,1998), Frago (2002); antes do século XVIII, os comportamentos de leitura eram restritos e, após esse período, foram mais variados.

Na atualidade, estamos diante de novos comportamentos relacionados ao local de leitura que também é mais condicionada ao tipo de suporte, pois, para alguns dos leitores jovens, existe uma relação entre o espaço doméstico e externo e suporte digital e impresso. Para Gisele_17_B1 e Marcos_17_B2, a leitura literária digital é mais frequente nos espaços externos ao espaço doméstico. Neste, a preferência é pela leitura em suporte impresso, comportamento contrário ao da Maria Eduarda_16_D. Muitas vezes a leitura parece não ser um fim em si mesma, mas é mobilizada para ocupar o tempo.

Em contrapartida, para Marcos_17_B2, a leitura literária em suporte impresso seria realizada fora do espaço doméstico, caso tivesse certeza de que teria tempo para ler, pois “para que levar um peso que não vai utilizar?”. A liberdade do leitor jovem de ter uma biblioteca, disponível em qualquer lugar e horário desejado, permite o acesso à diversas obras literárias digitalizadas. A digitalização de obras pela *Google* (Darnton, 2010), mas, também, os diversos aplicativos que disponibilizam trechos ou obras completas, gratuitamente, ampliam às possibilidades de acesso à leitura literária.

Os leitores jovens apontam a existência de uma relação entre suporte preferido e local de realizar a leitura literária. Segundos os relatos preferem ler em dispositivo digital por estar relacionado à praticidade do suporte digital para levá-lo para qualquer local, pois as obras lidas são, em geral, volumosas. Mas existe diferenças quanto ao tipo, a exemplo Maria Eduarda_16_D que prefere o dispositivo digital móvel e que tenha uma tela grande devido à leitura no celular ou em dispositivos digitais com telas menores demandarem do leitor jovem gestos, que, por vezes, podem ser considerados enfadonhos, pois quando o formato da obra não está disponibilizado em *epub*, mas em *PDF*, é necessária a utilização do recurso de aumentar e diminuir o tamanho das letras ou arrastar o texto para um lado e para o outro na tela. Mas isso não é um empecilho para a leitura literária para alguns leitores, a exemplo, Marcos_17_B2 que considera que a obra disponibilizada em PDF não causa desconforto. E a preferência pelo espaço doméstico devido ser mais veloz do que o uso do plano de dados de Internet do celular, quando estão em outros locais.

Outro comportamento no ato da leitura se refere a realização de outras atividades no dispositivo digital não é uma prática muito recorrente entre os leitores jovens, embora haja uma ideia de que os jovens, na atualidade, não se concentram e realizam muitas

atividades ao mesmo tempo nos dispositivos digitais. Essa conduta, provavelmente, irá depender do tipo de atividade que realizam. Os relatos indicam a perda de concentração como um fator importante quando estão lendo e resolvem abrir alguma notificação de um aplicativo de mensagens instantâneas ou de uma rede social.

Verificamos que a diversidade de modos de ler necessários para os leitores jovens realizarem a leitura literária digital está condicionado a alguns fatores, o tempo disponível do leitor jovem para a leitura, o tipo de obra lida, se literatura digital ou digitalizada, o local, o tipo de acesso à Internet e o tipo de dispositivo digital. Todos esses elementos demandam gestos e comportamentos novos para a realização da leitura literária digital, diferentes dos aprendidos na cultura do impresso, nesse sentido, Chartier (1998, p. 77). aponta que os gestos de leitura “mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler”. No entanto, as comparações com a leitura literária realizada no suporte impresso são recorrentes quando da leitura literária em suporte digital, supostamente devido ao fato de esses leitores jovens serem ambientados na cultura impressa desde crianças. Verificamos que o estrato socioeconômico diferenciado dos leitores jovens não gerou modos de leitura literária destoantes entre eles. Provavelmente, algumas diferenças poderiam ficar mais evidente se tivéssemos no *corpus* da pesquisa herdeiros de estratos socioeconômicos A1 com acesso a dispositivos digitais de última geração e de um plano de dados móveis ilimitado.

Mediadores de leitura literária digital

As práticas de leitura literária digital são experienciadas pelos leitores jovens em contexto de uso coletivo, ou seja, não são somente eles, individualmente, que usam, criam formas de acessos, se apropriam dos materiais e dos modos, gestos e comportamentos de leitura literária em dispositivos digitais. Também um grupo de leitores, em geral, desconhecidos uns dos outros, compartilham as experiências de leitura literária digital por meio de uma rede de sociabilidade literária na Internet (LEVERATTTTO e LEONTSINI, 2008), instituindo a leitura e a obra como objetos sociais. Compreendida, desse modo, como uma prática social e não individual, a leitura, independente do suporte, demanda trocas entre os leitores jovens. E é essa rede de sociabilidade literária ampliada com a Internet, a mobilização dos próprios leitores jovens, a indústria cultural por meio dos canais e séries de Tv, dos jogos digitais, do cinema, dos sites de livrarias e a mediação dos colegas que permitem a expansão de suas práticas de leitura literária digital.

Quando indagados aos leitores jovens sobre as pessoas que indicaram leituras literárias digitais, geralmente eles relatam a mediação de colegas da escola e do bairro como os principais interlocutores, mas esse dado é menos significativo do que as buscas que eles mesmos fazem e a rede de sociabilidade literária na Internet.

E: [...]você não tem nenhuma pessoa que você troca informações sobre isso [literatura]?

RONALDO_15_C1: É...

E: Não?

RONALDO_15_C1: Não... Sozinho...

E: Não foi nenhum colega? Alguém indicou? Pai? Família?

RONALDO_15_C1: Uma vez meu colega me indicou uma e eu li um pouco dela mas... tipo... eu não gostei muito... não gostei assim muito do estilo da fanfic...

E: Humrum... mas quem foi a primeira pessoa que te indicou... quem... você mesmo que...

RONALDO_15_C1: Acho que eu achei sem querer no Google... porque eu tava pesquisando uma outra coisa... aí eu achei... comecei a ler... gostei...

PAULO_17_C1:[...] Quando eu via alguns desenhos, e meus colegas me indicaram que tinham fanfictions destes desenhos, tipo Pokémon. E aí eu fui procurar especificamente dos desenhos e acabei achando e comecei a gostar deste e acabei achando o geral, de vários assuntos.

Os colegas, em alguns casos, podem ter indicado a primeira experiência de leitura literária digital, mas, em geral, são os próprios leitores jovens que buscaram outras experiências de leitura literária. Maria Eduarda_16_D não recebe recomendações de colegas sobre literatura digital, mas, sim, sobre literatura digitalizada. Assim como Ronaldo_15_C1, que relata não conversar com os colegas sobre literatura digital, apenas sobre livros literários impressos e isso ocorre somente quando sabe que o colega realizou a leitura. Esse comportamento, solitário, de experiências de leitura de obras digitais, pelos leitores jovens, é oriundo de uma pouca produção e divulgação de obras digitais no Brasil. Gainza (2018, p.37) aponta que “El hecho de que estas obras se publiquen en internet y que sean de acceso fácil para los lectores, sin intermediarios de la industria cultural tradicional, también es un aspecto importante de esta literatura, ya que se modifican los

circuitos de distribución de los textos”⁴. No entanto, mesmo não tendo intermediários para que os leitores tenham acesso a esse tipo de obra é necessário que os leitores jovens conheçam autores, sites, obras entre outras informações sobre a literatura digital.

Sandro_19, colega do leitor jovem Marcos_17_B2, ao relatar suas conversas sobre leituras literárias aponta a existência de algumas semelhanças entre suas preferências de gêneros literários, mas, em relação ao suporte de leitura, suas práticas literárias são mais recorrentes no suporte impresso, diferente do colega. O compartilhamento de informações girava em torno do conteúdo das obras lidas e de outras obras de interesse e não sobre o suporte. Conhecer o gosto do colega facilita a avaliação sobre as indicações de leitura literária, pois o compartilhamento de informações pode ser solidário ou antagônico (JENKINS, 2009) entre os colegas ou entre os membros da comunidade de leitores. Conversas por aplicativos digitais, antes do encontro para jogar futebol e outros momentos no decorrer do dia são algumas das situações em que ocorrem as trocas.

Leonardo_15, colega do leitor jovem Ronaldo_15_C1, não gosta de ler literatura em dispositivos digitais, não lê literatura digital e possui gostos literários diferentes. Verificamos que, no compartilhamento de informações entre eles, é restrita a indicação e empréstimos de algumas obras de literatura impressa lidas pelos dois colegas. Leonardo_15 cita apenas uma indicação de um site de *fanfiction* que Ronaldo_15_C1 fez, mas que diz não ser a sua “praia” a leitura desse tipo de obra. Essa disparidade de preferências literárias entre colegas que se consideram ser os principais mediadores de leitura literária se fundamenta, segundo Lahire (2006), na variedade de relações de amizade e de interesse em práticas culturais diversas.

Nesse caso, esse tema das trocas culturais sobre o que se lê é mais amplo do que o fenômeno que estamos investigando, embora pudéssemos supor que certa facilidade no envio de informações fomentaria mais as trocas sobre obras digitais lidas. No caso de Ronaldo_15_C1, a rede de sociabilidade literária na Internet e seus interesses de leitura fomentam suas práticas literárias de literatura digital. Para Lahire (2006):

a influência de amigos só é significativa quando a pessoa em questão tem” razões” (e principalmente disposições) para se deixar influenciar: para agradar o outro, por cortesia a ele, porque a

⁴ O fato de esses trabalhos serem publicados na internet e de fácil acesso aos leitores, sem intermediários da indústria cultural tradicional, também é um aspecto importante dessa literatura, pois os circuitos de distribuição dos textos são modificados.

atividade ou o consumo corresponde em parte às suas próprias preferências e propensões culturais, porque a ajuda no seu esforço de chegar a esta ou àquela categoria de bens culturais para as quais suas disposições não a conduzem “naturalmente”, porque ela sente necessidade de um intermediário competente que assuma o papel de guia cultural, etc. (LAHIRE, 2006, p.412).

Leonardo_15 não influencia Ronaldo_15_C1 em suas práticas de leitura literária digital, pois suas preferências são muito heterogêneas. Assim também Laura_18, que relata não gostar de ler literatura em dispositivos digitais, não ler literatura digital e possuir gostos literários diferentes de sua colega, a leitora jovem Marcela_17_B2. Mesmo com as dissonâncias de preferência literária, elas compartilham informações no espaço escolar durante o recreio. Os dois leitores jovens não possuem colegas mediadores e seus pais e professores não influenciam suas práticas de leitura literária digital.

Essas dissonâncias ilustram a importância de se considerar as variações individuais (LAHIRE, 2006; MARTUCCELLI, 2007) na análise de práticas de leitura literária digital, pois existem outros elementos que irão determinar as práticas culturais dos leitores jovens. Em especial, no caso dos dois leitores jovens, ocorre, quase exclusivamente, por meio de seus interesses pessoais e pela sociabilidade literária na Internet, nesse último caso, podemos considerar como uma nova possibilidade de mediação de leitura.

Um caso típico entre as categorias leitor e mediador se dá com Sara_19, que lê literatura digitalizada e possui preferências literárias semelhantes à de sua colega Maria Eduarda_16_D; apenas a prática de não ler literatura digital, *fanfics*, que Sara_19 destoa de Maria Eduarda_16_D. Suas disposições literárias são parcialmente semelhantes e, desse modo, uma influência a outra nas práticas de leitura literária digital. O compartilhamento de informações sobre literatura digitalizada, entre as duas colegas, era muito intenso. Era no espaço escolar e mediante o uso de aplicativo de conversa instantânea que as indicações de obras, envio de links para acessá-las no formato digitalizado, empréstimos, entre outras conversas, que algumas trocas se concretizavam. Essas trocas eram permeadas por brincadeiras com indicações de obras que não condiziam com os gostos literários das duas colegas, mas que diminuíram com a conclusão dos estudos no Ensino Médio.

A relação entre as duas leitoras jovens é a única, entre os demais leitores jovens e seus colegas, em que podemos estabelecer uma certa homogeneidade entre as categorias

leitor e mediador de leitura. A influência entre elas é tão significativa que a diminuição do compartilhamento de informações gerou um impacto individual nas práticas de leitura literária. Ressalta-se que, a escola, mesmo não sendo uma agência de formação de leitores de leitura literária digital, pois, em geral, os professores não fomentam esse tipo de leitura, o espaço escolar torna-se um local de compartilhamento de informação (Jenkins, 2009) por possibilitar encontros entre jovens leitores de leitura literária digital, criando círculos de leitura (Cosson, 2014), a despeito das práticas literárias estabelecidas institucionalmente.

No decorrer da pesquisa, Gisele_17_B1 descobriu que seus colegas faziam pesquisas sobre literatura digitalizada, mesmo tendo práticas literárias mais recorrentes no suporte impresso. Comentar sobre o suporte no qual está sendo realizada a leitura de literatura digitalizada não é comum, mesmo porque, segundo Gisele_17_B1, “não tem diferença”. Esses relatos fomentam o debate em torno da construção de sentido por meio da modificação da materialidade (CHARTIER, 2002). Sugerindo que leitura de uma obra digitalizada e na sua versão impressa não há repercussão no processo de construção de sentido do texto lido, ademais nesse caso o formato da obra continua o mesmo. No entanto, é a obra e não a materialidade que parece ganhar relevância nas trocas, conforme apontam Gisele_17_B1 no excerto abaixo.

E: Mas eles, vocês conversam também sobre literatura, é ... leitura literária, digital? Ou sobre ... leitura de ...

GISELE_17_B1: Leitura. A gente nunca...

E: Mas...

GISELE_17_B1: Não é que nunca, mas a gente não fica perguntando qual que você leu, sabe? A gente só recomenda.

E: Ah ... Independente?

GISELE_17_B1: É. Independente.

E: Mas aí, por exemplo, já houve, por exemplo, de conversar sobre, ah, vamo conver, é ... eu vi, eu baixei isso na Internet, já aconteceu esse tipo de conversa?

GISELE_17_B1: Não.

E: Não?

GISELE_17_B1: Hum hum. Nem, nem filme, eu pergunto tipo ... que a gente conversa muito sobre filme. [...]

...

GISELE_17_B1: Quando ele fala assim, é ... assisti um filme, aí você não pergunta se ele assistiu no cinema, se ele baixou, se ele ... comprou, você não pergunta sabe?

E: Isso não é importante?

GISELE_17_B1: Não, não é importante, porque tanto faz. Ele viu o filme, é o que interessa.

E: Entendi. É assim mesmo com os livros também?

GISELE_17_B1: Sim.

Ler a obra no suporte impresso ou digital parece não provocar efeitos nas práticas de leitura literária digitalizadas, ademais, se o suporte fosse relevante, essa informação estaria no conteúdo das conversas. Esses dados corroboram com a premissa de Darnton (2010, p.58) que afirma que “a maioria dos leitores se importa com o texto, e não com a mídia física em que ele está contido”. Provavelmente, para aqueles leitores jovens que possuem uma prática de leitura de literatura digital frequente, essa informação possa ser relevante para as trocas de informações ou estar implícita quando os colegas conhecem as práticas uns dos outros.

Ao verificarmos o papel dos pais na mediação da leitura literária digital, constatamos pouca ou quase nenhuma indicação e conhecimento sobre as práticas de leitura literária digital dos seus filhos. Alguns pais, como os das leitoras jovens Maria Eduarda_16_D, Marcela_17_B2 e Gisele_17_B1, estimularam a leitura literária desde a infância, mas por meio de obras em suporte impresso. Já os leitores jovens Ronaldo_15_C1, Paulo_17_C1 e Marcos_17_B2 não tiveram, durante a infância, uma influência para a leitura literária, independente do suporte. Lahire (2006) aponta que, mesmo não tendo uma influência familiar para as práticas culturais desde a infância, é possível existirem outras influências, quando adultos.

Verificamos entre os seis leitores jovens não receberam de seus pais sugestões de obras, indicações de *sites* ou qualquer outra recomendação para que realizassem leituras literárias em dispositivos digitais, bem como não presenciavam seus pais realizando leituras literárias digitais. Isso pode se relacionar ao aspecto geracional e também ao tipo de capital cultural literário que as famílias podem ter em diferentes níveis. Não podemos, assim, esperar que os pais indiquem literatura digital. Os relatos indicam não existir uma ambiência em torno da leitura literária digital no espaço doméstico dos leitores jovens.

Para Lahire (2006), não podemos levar em conta apenas o determinismo cultural como definidor das propensões para o consumo de bens culturais legítimos. Quando questionados sobre as possíveis preferências de seus pais quanto às suas leituras literárias serem realizadas no suporte digital ou impresso, as respostas sugerem existir uma prioridade para a leitura literária realizada no suporte impresso, indicando, conforme

Chartier (1998) aponta, historicamente, a existência de um valor diferenciado, mais positivo ou mais negativo, para determinadas práticas. Mas, ao mesmo tempo, percebemos uma importância dos pais direcionada mais para o conteúdo do que para o suporte.

Os leitores jovens relataram a existência de outros mediadores de leitura literária digital reunidos em vários ambientes digitais, como, as comunidades de leitores na Internet ou “comunidades de conhecimento” (JENKINS, 2009), sejam elas organizadas oficialmente por meio de um *site*, de um *blog*, nas redes sociais ou nos aplicativos de conversa instantânea. Observa-se, nesse contexto de práticas de leituras literárias digitais uma construção coletiva de informações sobre obras literárias. Ou seja, as possibilidades de criação de comunidades de leitores extrapolam o texto propriamente lido e são inúmeras. Nas redes sociais que possuem páginas sobre obras, criadores/escritores e sagas, os leitores jovens trocam informações, dão dicas de leitura, conjecturam sobre as possibilidades de futuras publicações, constroem coletivamente obras literárias a partir de outras obras lidas, elaboram vídeos explicativos, enfim, buscam “arquivar e comentar conteúdos, apropriar-se deles e colocá-los de volta em circulação de novas e poderosas formas” (JENKINS, 2009, p. 45), criando uma comunidade de conhecimento na qual são recebidos, criados e recriados coletivamente os conteúdos sobre as práticas literárias digitais. Jenkins (2009) afirma que:

[...] essas novas comunidades são definidas por afiliações voluntárias, temporárias e táticas, e reafirmadas através de investimentos emocionais e empreendimentos intelectuais comuns. Os membros podem mudar de um grupo a outros, à medida que mudam seus interesses, e podem pertencer a mais de uma comunidade ao mesmo tempo. As comunidades, entretanto, são mantidas por meio de produção mútua e troca recíproca de conhecimento. (JENKINS, 2009, p.57).

Marcos_17_B2 e Marcela_17_B2 participam na rede social *Facebook* de uma comunidade de leitores, mas são mais “usuários fantasmas”, conforme relatou, Marcos_17_B2, ou seja, acessam, mas não participam. Maria Eduarda_16_D e Ronaldo_15_C1 não participam, Paulo_17_C1 já participou em um site de *fanfics* e Gisele_17_B1, em um grupo do *Whatsapp*. É importante diferenciar a participação na comunidade de leitores do acesso ao site ou à página apenas para visualização dos *posts*. Muitos dos leitores jovens somente acessam a página da comunidade de leitores lendo os *posts*, comentários e acessando os links indicados, mas não conversam com os membros,

não realizam nenhuma atividade dentro da comunidade de leitores. Ou seja, a maioria dos seis leitores jovens não participavam com frequência de comunidade de leitores, mas acessam. Comparando com os dados quantitativos do questionário 1, no qual o índice aumenta 11,63% dos dados gerais para os dados filtrados (somente leitores), podemos verificar a importância para os leitores da participação ou apenas como “usuário fantasma” de comunidades de conhecimento em torno da leitura literária digital.

Nesse processo de compartilhamento de informações em torno das práticas literárias digitais, os leitores jovens se tornam especialistas em determinada obra ou escritor/criador e são considerados pela comunidade da qual participam como *spoiler*, ou seja, aquele leitor que sabe tudo sobre a obra e que pode antecipar informações para aqueles que não leram ou ainda estão nos primeiros capítulos da obra. A essa ação, repudiada pelos fãs de uma obra, dá-se o nome de *spoiling*.

Inicialmente, este termo referia-se a qualquer revelação sobre o conteúdo de uma série de televisão que talvez não fosse do conhecimento de todos os participantes de uma lista de discussão na Internet. Gradualmente, *spoiling* passou a significar o processo ativo de localizar informações que ainda não foram ao ar na televisão. (JENKINS, 2009, p. 387).

Fazer um *spoiling* de uma série de televisão, de um filme ou de uma obra literária é considerado pela comunidade dos fãs desses conteúdos uma participação não muito bem vista, mas, segundo o autor, “se o *spoiling* não fosse divertido, as pessoas não o fariam”. (JENKINS, 2009, p.59). Essa forma de participação é realizada entre os leitores jovens e seus colegas ou em vários ambientes digitais na rede de sociabilidade literária na Internet. Para uns, ser *spoiler* é uma brincadeira ou pode ocorrer em situações não planejadas e, para outros, receber *spoiling* pode desanimar, ou não causar impacto no interesse da leitura da obra. Vê-se, portanto, que a produção cultural em torno de uma obra abre um vasto panorama que extrapola sociedades literárias legitimadas e até mesmo o modo como a instituição literária é posta em funcionamento, tanto na produção, divulgação e recepção quanto nos fatores de legitimação da qualidade de obras.

Quanto à instância escolar, os relatos dos leitores jovens indicam que não existe promoção da leitura literária digital no ambiente escolar, apenas, Maria Eduarda_16_D e Paulo_17_C1 revelam terem ocorrido, pontualmente, recomendações de professores para a realização de leitura literária de livros digitalizados pelo site Domínio Público. Inclusive,

Paulo_17_C1 relata ter conhecido o site quando foi informado pelo professor, entretanto, não foi a escola que possibilitou conhecer sobre literatura digital e digitalizada. Em geral, a escola não é vista como uma instância de formação de leitores de leitura literária digital. Alguns comentários ou indicações aleatórias podem ter ocorrido por alguns professores, mas parece ocorrer sem uma intencionalidade pedagógica para a prática de leitura literária digital.

Em um trecho da entrevista da leitora jovem Gisele_17_B1 ela relata que “Na minha vida inteira, ninguém nunca falou de leitura digital, nunca me indicou nenhum livro, não me indicou nenhum site, nada”. Para formamos leitores é necessário uma escolha que atenda à qualidade estética e artística definida para e pela escola, mas, em especial, que atenda à estética dos jovens, despertando o interesse para a leitura literária. Nessa perspectiva, um dos empecilhos para uma formação mais efetiva dos jovens é a seleção de obras, para e pela escola, a essa faixa-etária, em geral, dissonantes de seus gostos ou interesses. É necessário levar em consideração a estética dos jovens, que, para Viana (2014), é condicionada por formas culturais contemporâneas.

Os jovens criam e produzem suas representações a partir de códigos e signos da contemporaneidade oriundos do seu meio social e cultural, do universo imagético, sonoro e visual, presentes em seu cotidiano, que promovem da televisão, do cinema, das bancas de revistas, dos livros, dos videogames e da Internet. Trata-se de um intenso repertório de informação, comunicação e imagens de forte conteúdo simbólico e de consumo. E esses são hoje os grandes indutores da experiência estética. Definem, muitas vezes, o modo como eles pensam, agem e refletem os seus interesses. Eles assimilam com facilidade a multiplicidade e a simultaneidade da imagem e do som, como nas vinhetas e cliques da MTV, interpretam infográficos, entre outras formas pouco compreensíveis pelo mundo adulto, constroem, a partir destas, suas expressões. (VIANA, 2014, p. 257).

As características da literatura endereçada aos jovens, mas também aquelas que promovem entusiasmo nos leitores desta faixa etária estão em consonância com as demandas desta cultura juvenil. Zilberman (2016) aponta que a identidade da literatura lida pelos jovens possui três elementos importantes, mas que não são exclusivos deste tipo de obras, quais sejam: a existência de uma narrativa contemporânea ao leitor; a presença de protagonistas jovens e a especialização da autoria, que permite ao leitor jovem selecionar autores que criam obras endereçadas a eles. Zilberman (2016) destaca os gêneros literários e escritores preferidos pelos jovens a partir das obras mais requisitadas

nas bienais de livro realizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro nos últimos três anos. Escritores nacionais e internacionais, produção de obras em série, obras inspiradas em jogos, jogos eletrônicos, obras com narrativas que se assemelham às de outros meios, como televisão, cinema, performances, como as sagas fantásticas.

Dáz-Plaja (2008) assinala a necessidade de se iniciar uma proposta de leitura literária para jovens a partir da análise das obras de interesse dessa faixa-etária, dos suportes preferidos pelos leitores jovens para realizar a leitura literária e os modos de acesso a essas obras. Os interesses de leitura que a autora denomina “campos de leitura” são considerados por ela como os diversos conjuntos de obras literárias valorizadas cultural, sociológica e educativamente. No entanto, em geral, os campos de leitura da escola são diferentes da sociedade, pois a escola valoriza a cultura canônica e os autores de alto prestígio acadêmico, e a sociedade, em especial, os jovens, se interessam pela cultura do consumo, de massa, popular ou vulgar.

Além desses dois pólos, a cultura dos adolescentes percorre caminhos marginais de leitura (associados a hobbies muito específicos, tribos urbanas ou grupos sociológicos) e também nas terras de alguém, nas quais colocaríamos certos materiais difíceis de encontrar. (DÁZ-PLAJA,2008, p. 122, tradução nossa)⁵.

Ronaldo_15_C1 e Marcela_17_B2 apontam essas diferenças de campos de leitura. A escola indica obras clássicas que não os estimulam a serem leitores de literatura, pois seus interesses são diferentes dos impostos por essa instância.

E: Então você vai ter que ler Dom Casmurro...

RONALDO_15_C1: sim...

E: e tá animado? Como é que é?

RONALDO_15_C1: preguiça...o livro é grande...e ele também tem uma linguagem...um pouco mais...antiga...aí tem umas palavras...tem umas palavras escritas de modo diferente...tem umas que são assim...bem complicadas de entender...então aí...

MARCELA_17_B2: Eles pediam mais...Chico Buarque...que esses negócios assim...é...qual que é o nome daquele outro...ah esqueci...eu não gosto muito de...livro brasileiro não...

E: não?

MARCELA_17_B2: não...depende muito...

⁵ A més d'aquests dos pols, la cultura dels adolescents transita pels camins de la lectura marginal (associada a aficions molt determinades, a tribus urbanes o a grups sociològics) i també per alguns terrenys de ningú, en què situariem certs materials de difícil encariment. (DÁZ-PLAJA,2008, p. 122).

E: de qual? Por que que você não gosta?

MARCELA_17_B2: não sei...eu não gosto...eu gosto mais de...dos internacionais mesmo...é...

E: E aí na escola basicamente era livro brasileiro...literatura brasileira...

MARCELA_17_B2: aham...

E: Aí você não gostava? Você falava isso com o professor?

MARCELA_17_B2:: não...nem ia me escutar...

Quanto ao suporte de leitura, Dáz-Plaja (2008, p.122) afirma: “No caso da leitura dos jovens, eles nem sempre chegam pelo suporte livros. (Tradução nossa)⁶”, mas sim por outros suportes, como os dispositivos digitais. E por fim os modos de leitura são considerados pela autora como as formas de acesso à leitura literária. Esses podem ser hierarquizados verticalmente, tendo mediadores como professores que orientam e recomendam as leituras literárias aos jovens, ou uma forma de acesso horizontal, na qual os jovens realizam suas próprias pesquisas e/ou compartilham suas experiências leitoras com seus pares. Para a autora, “Esses dois modos podem criar dois mundos diferentes e muitas vezes antitéticos”. (DÁZ-PLAJA, 2008, p. 123, tradução nossa)⁷.

Os leitores jovens pesquisados apontam a existência do que Dáz-Plaja (2008) define como forma antitética dos modos de leitura. A escola possui um modo de leitura que não os atrai. Em contrapartida, eles possuem outro modo de leitura que passa ao largo da escola. Os professores dos leitores jovens desconhecem suas práticas de leitura literárias repercutindo de forma negativa a visão deles sobre o estímulo à leitura literária. Marcos_17_B2 indica que a escola deveria propor práticas de leitura literária que contemplassem os interesses dos alunos. Para ele a escola deveria “procurar saber o gosto dos alunos, né? Indicar livros porque tem bas... igual jogos, tem livros sobre jogos, tem bastante nome que é “Game”, indicar mesmo sobre aquele assunto, porque muita gente tem preguiça de ler, estimular, entendeu? ”. Em relação a escola desconsiderar os interesses dos jovens, Chartier (1998, p. 104) indica que “[...] é preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir.

⁶ [...] en el cas de la lectura juvenil, no sempre arriben en el suport llibre. (Dáz-Plaja, 2008, p.122)

⁷ [...] aquests dos modes poden crear dos mons diferents i sovint antitetics. (DÁZ-PLAJA, 2008, p. 123)

Verificamos no relato do leitor jovem a importância da escola para a formação de leitores, mas para ele essa instância não promove disposições favoráveis a leitura literária. Ressalta-se, nos discursos dos leitores jovens, que a escola, em alguns casos, não solicita a leitura de obras literárias e, quando o faz, atrela a leitura a atividades de gramática e avaliações. A falta de indicação de obras literárias pela escola, apontada por alguns leitores jovens, indicia uma ausência de um direcionamento claro, nos currículos das escolas, para leitura de obras de literatura. Provavelmente, as práticas de leitura literária na escola desses leitores jovens, em alguns casos, não são sistematizadas e, assim, os professores podem solicitar ou não para os alunos jovens leituras literárias.

Durán e Manresa (2008) realizaram estudos comparando o currículo de seis países, sendo dois da América Latina, México e Argentina, e quatro da Europa, Portugal, França, Inglaterra e Gales e Bélgica. Dentre os resultados, percebe-se a diferença, no currículo dos países, da presença de indicação de quantitativo de obras por segmento. Observou-se que os países da América Latina não indicavam nenhum quantitativo mínimo de obras, diferente dos países europeus, que recomendavam, explicitamente, nos documentos curriculares, de duas a nove obras. Para as autoras:

És evident que, si el nombre de lectures que marca el currículum es refereix a mínims, no podem saber amb certesa la realitat de les pràctiques a les aules; per exemple, en el cas de Catalunya existeix un consens força generalitzat, en pràctica, de programar tres lectures per curs. Però també és cert que si el punt de partida mínim que estableix el currículum és elevat s'assegura la lectura generalitzada de més textos.⁸ (DURÁN E MANRESA, 2008, p. 99).

O letramento se desenvolve no espaço social e cultural, de forma ampla, e desenvolvemos o letramento dos indivíduos ou de um grupo social em qualquer espaço onde circula a escrita, mas o ensino sistemático se dá no espaço escolar. Cosson (2014) reafirma a importância da escola para a formação do leitor e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do letramento, mas destaca que não é o único local para seu aprendizado.

⁸ É claro que, se o número de leituras marcadas pelo currículo se refere ao mínimo, não podemos saber com certeza a realidade das práticas em sala de aula; por exemplo, no caso da Catalunha, existe um consenso bastante geral, na prática, de agendar três leituras por curso. Mas também é verdade que, se o ponto de partida mínimo estabelecido pelo currículo for alto, a leitura generalizada de mais textos será assegurada.

A escola não é o único espaço de formação [do leitor] – nem o mais eficiente, diriam seus críticos, ainda que não devamos esquecer que a escola é o lugar da aprendizagem sistemática e sistematizada da leitura e de outros saberes e competências – que temos em nossa sociedade. (COSSON, 2014, p. 45).

Não é nosso propósito discorrer sobre as práticas de leitura no espaço escolar, mas, como a escola é uma das principais instâncias de formação de leitores e os leitores jovens apontam nas entrevistas como a leitura literária se faz presente, neste espaço, percebemos uma provocação sutil nas disposições favoráveis à leitura literária nos leitores jovens. As dissonâncias nas práticas dos leitores jovens e na proposta de formação de leitores pela escola se faz nos tipos de obra que são de interesses dos dois grupos: o primeiro busca na literatura canônica e o segundo, nos *bestsellers*. Nos tipos de suporte para a leitura literária e nos modos de acesso às obras, os leitores jovens têm grande interesse em realizar leituras literárias em suporte digital e utilizam da Internet para buscar informações e compartilhar experiências literárias que a escola, comumente, desconhece ou não considera como espaços de sociabilidades literárias. Acrescenta-se, em alguns casos, a inexistência de indicações de leituras literárias no ensino médio e quando estas se dão, visam apenas ao ensino de algum conteúdo ou para avaliações, conforme relato dos leitores jovens.

A cultura literária juvenil é promovida pela necessidade dos jovens de pertencer a um grupo e de compartilhar práticas, sejam elas de leitura literária ou não. Na contemporaneidade, as sociabilidades literárias, entre os jovens, impulsionadas pelos dispositivos digitais e pela Internet, ampliaram e facilitaram o desenvolvimento e a divulgação de comunidades de leitores em redes sociais, blogs, criadas em aplicativos de conversas instantâneas por um ou mais grupos de amigos e, também, as mais convencionais organizadas em sites, nos quais os leitores se cadastram e seguem as regras para pertencer à comunidade de leitores.

Percebemos entre os professores e os pais, o compartilhamento de informações sobre leitura literária digital é quase inexistente. Ou seja, os mediadores de leitura literária considerados tradicionalmente, como principais fomentadores para a formação de leitores, não influenciam nas práticas de leitura literária digital dos leitores jovens pesquisados. O compartilhamento de informações literárias se amplia nas relações existentes entre os leitores jovens e seus colegas, mas nem todos são mediadores para a leitura literária digital. Essa constatação fundamenta os dados quantitativos do *corpus*

geral do questionário 1 no qual os índices referentes aos mediadores de leitura literária digital, pai (3,37%), mãe (2,47%) e professor (13, 26%) são os mais baixos em relação a colegas (18,65%), colegas virtuais (6,74%) e pesquisa na internet (34,38%).

Ao analisarmos os dados da pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (2016), referente aos principais mediadores de leitura, os índices das mães, dos professores e dos pais, respectivamente, são os mais citados pelos entrevistados. Esses dados, em comparação aos dados da pesquisa apresentada neste artigo ratificam a importância da indicação do suporte e das implicações geracionais, já indicadas anteriormente, como elementos importantes em pesquisas que busquem compreender o fenômeno da formação de leitores com o advento da cultura digital.

Os principais provocadores são o próprio leitor jovem que se interessa pela literatura digital e digitalizada e a rede de sociabilidade literária na Internet. Essa podemos considerar como uma nova forma de mediação de leitura literária digital, que se realiza por meio de uma diversidade de *sites*, *blogs*, redes sociais, aplicativos, *podcasts*, sala de bate-papo, comentários em diversos ambientes digitais, como os *sites* de lojas *on-line* de livrarias. Mas é necessário o leitor jovem conhecer os caminhos para localizar e selecionar a rede de compartilhamento de informações literárias na Internet que podem ser confiáveis. Ao verificarmos os dados da pesquisa Retratos de leitura no Brasil, referente a influência ou incentivo que os leitores tiveram para gostar ler livros constatamos que 67% indicaram ter tido mediadores de leitura, resultado diferente dos jovens leitores da pesquisa que, em geral, não indicaram mediadores. Apesar de não haver nenhuma indicação em relação ao suporte, na pergunta elaborada na pesquisa Retratos de Leitura no Brasil, provavelmente, esses resultados apontam para a mediação de leitura de livros impressos. Ademais, a média de idade dos leitores da pesquisa é de 35 anos e, provavelmente, a formação como leitores se deu imersa em práticas de leitura literária no suporte impresso. A comparação dos dados das duas pesquisas aponta o aspecto geracional como um elemento relevante na formação de leitores na contemporaneidade. Haja vista que como o acesso e a divulgação de obras de literatura digital e digitalizada tem ampliado é importante que tenhamos mediadores de leitura deste tipo de obra, pois a leitura literária digital é uma prática cada vez mais comum entre os jovens. Podemos constatar que independente dos estratos socioeconômicos dos leitores jovens as categorias mediadores não repercutiram nas práticas de leitura literária digital.

Considerações Finais

Os modos de realizar as leituras de literatura digital e digitalizada pelos leitores jovens variam conforme o dispositivo digital, a disponibilidade para a leitura, o tipo de obra lida, mas percebemos uma continuidade entre as práticas de leitura literária no suporte digital e impresso e não uma ruptura e, em vários momentos, os leitores jovens relataram suas experiências de leitura literária sem distinguir uma prática da outra. O fomento a essas práticas se dá por meio dos colegas, em especial, pela sociabilidade literária na Internet e pela indústria cultural por meio das séries de TV, do cinema e dos jogos digitais, que se configuram como mediadores na formação dos leitores jovens. Os pais, os professores exercem pouca ou nenhuma influência nas práticas de leitura literária digital desses leitores jovens, pois são eles próprios que se mobilizam em torno da leitura literária digital.

Ressaltamos que os leitores jovens, participantes da pesquisa, podem ter outras formas de realizar essas práticas literárias que não foram lembradas durante as entrevistas. Além disso, a impossibilidade de acompanhar as práticas no ato da leitura de obras digitais ou digitalizadas, provavelmente, limitou a coleta de mais dados que pudessem emergir outras nuances dessas experiências.

A variável socioeconômica compôs o perfil dos sujeitos e foi relacionada ao acesso a obras, pois consideramos que o peso das limitações financeiras poderia impactar o acesso a determinadas tecnologias digitais, da mesma forma como isso repercute no acesso ao impresso. No entanto, constatamos que as experiências de leitura literária digital não têm como condicionante o estrato socioeconômico dos leitores jovens, pois todos eles, independentemente do nível, possuem dispositivos digitais e Internet e leem as obras de seu interesse. Em geral, eles não precisam adquirir essas obras, mas têm acesso a elas por meio de outras formas que a Internet possibilita. Verificamos uma diferença de frequência de leitura literária digital no tipo de acesso a dispositivos digitais móveis e a um plano de dados de Internet móvel.

Nesse contexto, é a posse de um dispositivo digital privado, ou seja, o não compartilhado com familiares e a mobilidade de utilização da tecnologia digital que permitem a ampliação das experiências de leitura literária digital. A exemplo, a leitora jovem Maria Eduarda_16_D relata um retorno à leitura de literatura digital, após a aquisição de um *smartphone*: “Bom, é... nesse período, eu comprei um celular e ... nele eu

voltei a ler *fanfic*". Esses dados podem qualificar os resultados apresentados pela pesquisa Retratos de Leitura do Brasil, que apontam a existência de leitores em todas as classes econômicas, inclusive, uma porcentagem significativa nas classes D/E e C, 40% e 57%, respectivamente. O acesso às tecnologias digitais e à Internet cria mais uma possibilidade de leitura. Assim, mesmo com menos condições socioeconômicas os brasileiros têm conseguido ampliar as práticas de leitura.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Práticas de Leitura, impressos, letramentos: uma introdução*. BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. (Org.) **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. 3.Ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2011.
- BOLTER, Jay David.; GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. Cambridge: The MIT Press. 2000.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Trad. Leonor Graça. Editora: Vega Lisboa.1997.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro- do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Moraes. São Paulo: Editora Unesp.1998.
- CHARTIER, Roger. **Os Desafios da Escrita**. São Paulo: Editora UNESP. 2002.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In. Roger Chartier (Org). **Práticas de Leitura**. 5. Ed. São Paulo: Estação Liberdade. 2011.
- COSCARELLI, Carla Viana. Entre textos e hipertextos. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e Letramento Digital. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.) **Letramento Digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- COSCARELLI, Carla Viana. *Textos versus Hipertextos na teoria e na prática*. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- COLEMER, Teresa. **Formação do Leitor Literário**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global. 2003.

- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros – A leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global. 2007.
- COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto. 2014.
- COSTA, Rogério da. **A cultura digital**. 2. Ed. São Paulo: Publifolha, 2003.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros, passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.
- DIAZ-PLAJA, Ana. Entre Llibres: La constucció d'un itinerari lector propi en l'adolescència. In: COLOMER, Teresa *et al* (Orgs.). **Lectures adolescents**. Barcelona: Editora GRAÓ. 2008.
- DÚRAN, Carmem; MANRESA, Mireia. Entre països: L'acció educativa en el nostre entorn. In: COLOMER, Teresa [e tal] (Orgs.). **Lectures adolescents**. Barcelona: Editora GRAÓ. 2008.
- FRAGO, Antônio Viñao. Del periódico a Internet leer y escribir em los siglos XIX e XX. In: GOMÉZ, Antônio Castilho (Org.). **Historia de la cultura escrita – Del próximo oriente Antigo a la sociedad informatizada**. Ediciones Trea, S.L. . 2002.
- GAINZA, Carolina. **Narrativas y poéticas digitales en América Latina - Producción literaria en el capitalismo informacional**. Mexico: Centro de Cultura Digital, 2018. Disponível em <http://editorial.centroculturaldigital.mx/libro/produccion-literaria-en-el-capitalismo-informacional-narrativas-y-poeticas-digitales-en-america-latina>, acesso em: 29/01/2020.
- GOMEZ, Antônio Castilho. Historia de la cultura escrita ideas para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 5, jan-jun,2003.
- HAYLES, N. Katherine. **Literatura Eletrônica – Novos Horizontes para o Literário**. São Paulo: Global.2009.
- HAYLES, N. Katherine. **Writing Machines**. Cambridge: The MIT Press. 2002.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph. 2009.
- KRESS, Gunter; BEZEMER Jeff. Escribir en un mundo de representación multimodal. In. KALMAN e STREET (Coord.) **Lectura, escritura e matemáticas – Diálogos com a América Latina**. Mérico: single XXI, 2009.
- LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed. 2006.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador – a leitura em seus discursos**. São Paulo: Ática, 2009.

LEVERATTO, Jean-Marc; LEONTSINI, Mary. **Internet et La sociabilité littéraire**. Paris: Éditions de la Bibliothèque publique de information. 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Org.) **Hipertexto e gêneros digitais – novas formas de construção de sentido**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTUCCELLI, Danilo. **Gramáticas del Individuo**. Buenos Aires: Lousadas, 2007.

NEVES, André de Jesus. Cibercultura e literatura – identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction). Jundiaí: Paco Editorial, 2014. SÃO PAULO. Instituto Pró-Livro. **Retratos da leitura no Brasil**. 4. Ed., São Paulo. 2016 Disponível em <http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48> Acesso em: 15/02/2020.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

TORRES, Rui. Poesia Experimental e ciberliteratura: por uma literatura marginalizada. In: TORRES, Rui (Org.) **Poesia Experimental Portuguesa. Enquadramento teórico e contexto crítico da PO.EX**. v.1, 2004. doi: POCI/ELT/57686/2004.

VIANA, Maria Luiza. Estética, experiências e saberes: Artes, Culturas juvenis e o ensino. In: Dayrell, Juarez *et al.* **Juventude e ensino médio- diálogos sujeitos e currículos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ZILBERMAN, Regina. “Semear livros e mandar o povo pensar” no contexto da cultura jovem. In: CASTELLANOS, Samuel Luiz Velásquez; CASTRO, Cesar Augusto (Orgs.) **Livro, Leitura e Leitor: perspectiva histórica**. São Luiz: Café&Lápis: EDUFMA, 2016.

Revisores de línguas e ABNT/APA: Lucia Helena Junqueira, Rosane Ventura Carvalho, Mônica Daisy Vieira Araújo

Submetido em 08/05/2020

Aprovado em 01/06/2020

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)